

**METANÁLISE QUALITATIVA COMO ABORDAGEM METODOLÓGICA
PARA PESQUISAS EM LETRAS**

**QUALITATIVE META-ANALYSIS AS A METHODOLOGICAL APPROACH
FOR RESEARCHES IN LANGUAGE ARTS**

PINTO, Cândida Martins

candida_mp@yahoo.com.br

Instituto Federal Farroupilha – *Campus* São Vicente do Sul

RESUMO Este artigo tem por objetivo descrever os princípios básicos de sistematização com enfoque em metanálise qualitativa, bem como apresentar o estado da arte da metanálise, recuperando informações de sua evolução, já que seu significado primordial, proposto por Glass (1976), implicava em estudos quantitativos. Porém, pesquisas na área de Ciências Humanas e Letras, como a proposta por Cardoso (2007), têm caminhado no sentido da inovação quanto à utilização da metanálise, extrapolando-as da descrição para a explicação e, assim, incorporando dados qualitativos (por meio de técnicas narrativas, descritivas e/ou interpretativas). Nesse sentido, o maior propósito desta revisão é mostrar que a metanálise qualitativa configura-se como uma proposta metodológica para as Ciências Humanas, já que o pesquisador adota um novo enfoque ao reunir resultados e conclusões de outros estudos, facilitando o acesso às informações sobre determinado fenômeno. Os resultados dessa discussão sugerem que a utilização de metanálise qualitativa possibilita uma visão mais acurada do desenvolvimento das pesquisas na área em foco, além de ampliar o conhecimento e ajudar a compreender o fenômeno que se quer enfatizar.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologia. Metanálise. Pesquisa Qualitativa.

ABSTRACT This article aims to describe the basic principles of systematic meta-analysis focusing on qualitative as well as present the state of the art of meta-analysis, retrieving information of its evolution, since its primary meaning, as proposed by Glass (1976), involved in quantitative studies. However, research in the Humanities and Language Arts, as proposed by Cardoso (2007), has been moving towards innovation in the use of meta-analysis, extrapolating them from description to explanation and, thus incorporating qualitative data (through techniques of narrative, descriptive and /or interpretive). Thus, the major purpose of this review is to show that the qualitative meta-analysis appears as a methodological proposal for the Humanities, as the researcher adopts a new approach to bring together the results and conclusions of other studies, facilitating access to information about a particular phenomenon. The results of this discussion suggests that the use of qualitative meta-analysis provides a more accurate view of the development of

research in the area in focus, and increase knowledge and help understand the phenomenon we want to emphasize.

KEYWORDS: Methodology. Meta-analysis. Qualitative Research.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o grande volume da informação científica evoluiu de forma exponencial. Pode-se atribuir esse fato aos reflexos incontestáveis das mudanças tecnológicas emergentes no mundo, que instigam a ciência à compreensão cada vez mais detalhada dos mecanismos científicos. Essas mudanças, como define Kuhn (2011), representam um processo de transformação na ciência, pois, guiados por novos paradigmas, os cientistas adotam novos instrumentos e orientam seu olhar em novas direções. A consequência disso é o elevado número de pesquisas e publicações, o que se configura atualmente como um problema para a seleção e análise qualificada da literatura. Trata-se, porém, de um problema necessário, benéfico e fundamental para a evolução do conhecimento, mas que, segundo Lovatto et al (2007), pode dificultar a contextualização do fenômeno com erros de interpretação e análise.

Diante disso, aponta-se para a necessidade de sínteses que facilitam o acesso às informações, possibilitando conclusões baseadas na combinação dos resultados oriundos de múltiplas fontes. A metanálise, portanto, se oferece como um método ou mesmo um paradigma, a partir do qual o pesquisador adota um novo enfoque ao reunir resultados e conclusões alheias. O termo metanálise foi cunhado primordialmente, em 1976, por Gene Glass, para referir-se a uma combinação estatística de resultados de estudos independentes, numa abordagem quantitativa. Por esse motivo, não tem atraído muitos investigadores na área de Ciências Humanas (ênfatisa-se neste estudo a área de Letras). Entretanto, atualmente, de acordo com os postulados de Cardoso (2007), caminha-se no sentido da inovação quanto à utilização da metanálise, extrapolando-a da descrição para a explicação, incorporando dados qualitativos (por meio de técnicas narrativas, descritivas e/ou interpretativas), por se considerar que a podem reforçar.

Nesse sentido, o presente texto pretende colocar esse método em debate, cuja utilização tem sido crescente em algumas áreas do conhecimento como

Medicina e Agricultura, mas ainda é praticamente desconhecido nos meios de pesquisa na área de Letras e Educação. Para tanto, apresenta-se inicialmente uma abordagem histórica, na sequência as razões que justificam a metanálise qualitativa, em seguida alguns procedimentos operacionais básicos e, finalmente, as conclusões.

2 METANÁLISE: ABORDAGEM HISTÓRICA

Indiscutivelmente, a quantidade de informação científica disponível é, além de enorme, crescente. A ciência, nas palavras de Hunt (1997), está crescendo explosivamente, o que implica em desenvolvimento, mas ao mesmo tempo em desordem e fragmentação. Dessa maneira, torna-se imprescindível que as informações caóticas sejam transformadas em conhecimento, isto é, que tais informações sejam reunidas, organizadas, criticamente avaliadas e interpretadas ou quantitativamente mensuradas. As diretrizes baseadas em revisões sistemáticas (também chamadas metanálises) são meios que permitem essa transformação, pois são “fonte de evidência para organizar o crescente número de produtos, intervenções e informações científicas [...] substituindo as informações primárias nas tomadas de decisão” (LOPES, FRACOLLI, 2008, p 772.).

Em muitos campos da ciência, a maneira padronizada de lidar com a multiplicidade de estudos e com diversos resultados tem sido por meio da revisão da literatura (ou revisão [bibliográfica] narrativa), que é um breve resumo de trabalhos prévios sobre o problema de pesquisa a ser considerado (FLICK, 2009). Diferentemente desta revisão, a revisão sistemática reúne grande quantidade de resultados de pesquisas com o intuito de refletir diferenças entre estudos primários que tratam do mesmo objeto. Como o nome sugere, tais revisões são sistemáticas na abordagem e usam métodos explícitos e rigorosos para identificar textos, fazer apreciação crítica e sintetizar estudos relevantes; por isso, exigem planejamento prévio e documentação por meio de protocolo (LOPES, FRACOLLI, 2008).

Por volta de 1950, com o objetivo de encontrar um método que pudesse integrar informações úteis sobre diversos estudos primários, para além da revisão da literatura já feita, cientistas americanos começaram a desenvolver métodos para combinar os resultados de estudos da área da medicina, psicologia e sociologia

(HUNT, 1997), todos abordando técnicas estatísticas. Assim, a história da revisão sistemática começa no início do século XX, embora sua popularidade tenha crescido somente no final da década de 90. A primeira revisão sistemática foi publicada em 1904 e sintetizava resultados de apenas dois estudos da área médica (CASTRO et al, 2002). Foi só em 1955 que apareceu a primeira revisão sistemática sobre uma situação clínica (estudos que perduram até hoje), porém o termo metanálise foi utilizado pela primeira vez somente em 1976.

Em 1976, Gene V. Glass, professor de educação da Universidade de Colorado e então presidente da Associação Americana de Pesquisa Educacional, ao proferir palestra de encerramento das atividades anuais, discutiu sobre um novo método de análise de dados para o qual ele deu o nome de 'metanálise'. Posteriormente, "o estudo foi publicado na Revista *Educational Research*, número 5, e foi julgado por muitos que leram como um avanço aplicável a qualquer ciência" (HUNT, 2007, p. 12). Cabe salientar que essa abordagem metanalítica pregava o uso de métodos estatísticos, tais como a combinação de probabilidades para conciliar e agregar estudos díspares.

De acordo com Zimmer (2004), talvez o primeiro estudo de revisão sistemática qualitativa tenha sido feito pelos sociólogos Glaser e Strauss, os criadores da Teoria Fundamentada¹ (GLASER; STRAUSS, 1965), durante os anos 1960 e início de 1970. Naquela época, a reflexão sobre metodologia da pesquisa pertencia exclusivamente à pesquisa de tipo quantitativo e estatístico, embora houvesse grande quantidade de estudos qualitativos em pesquisas de campo, porém estes não contavam com manuais sérios e rigorosos que formalizassem os procedimentos. Nesse sentido, o estudo feito pelos autores sobre as dinâmicas da consciência de morrer culminou na publicação do livro *The Discovery of Grounded Theory* (1971), que ficou reconhecido como "a primeira contribuição articulada de metodologia qualitativa" (TAROZZI, 2011, p. 17).

Os primeiros pesquisadores, portanto, a utilizarem o termo metanálise qualitativa foram Stern e Harris (1985), estudiosos da área de enfermagem, que utilizaram técnicas da Teoria Fundamentada para avaliar sete estudos sobre

¹ Está sendo usada em muitos estudos a tradução Teoria Fundamentada para *Grounded Theory*, embora não haja consenso, pois "*grounded* significa ao mesmo tempo enraizado, embasado, mas também encravado, firme à terra (referido a aviões, em inglês), ou então por as bases, ensinar os primeiros rudimentos, preparar fundo de um desenho" (TAROZZI, 2011, p. 20).

autocuidado das mulheres (ZIMMER, 2004). Na área de educação, o termo foi adotado por Stern e Harris (1985 apud ZIMMER, 2004) como sinônimo de metaetnografia ou metassíntese qualitativa.

Segundo as autoras Lopes e Fracoli (2008, p. 771), atualmente, embora haja dois tipos de metanálise (revisão sistemática qualitativa e quantitativa), o termo metanálise está sendo usado principalmente em pesquisas na área agrícola e médica, quando há estudos quantitativos e o uso de técnicas estatísticas para extrair informação adicional de dados preexistentes. Já quando a integração de estudos primários é sintetizada, mas não combinada estatisticamente, a revisão pode ser chamada de revisão sistemática qualitativa (metaestudo ou metassíntese). Apesar disso, neste artigo, optou-se por utilizar a expressão metanálise qualitativa, a fim de destacar a evolução da metodologia.

O incremento da revisão sistemática deve-se, principalmente, aos estudos desenvolvidos pela Fundação Cochrane, iniciativa internacional com origem no Reino Unido, que desde 1922 prepara, mantém e dissemina revisões sistemáticas de intervenções de saúde, tornando-se a maior referência da pesquisa baseada em evidências (CASTRO et al, 2002). Dessa forma, na área médica, bem como em outros domínios científicos como agricultura, física e matemática, são encontrados o maior número de estudos metanalíticos, preconizadores, em especial, daquelas abordagens metodológicas puramente quantitativas (CARDOSO, 2007).

Entretanto, atualmente, como sugere o estudo de Cardoso (2007), busca-se o incremento de dados qualitativos quanto à utilização da metanálise, enfatizando nessa metodologia técnicas de descrição, narração e interpretação. Essa evolução, de uma perspectiva homogeneamente quantitativa a uma perspectiva qualitativa, alcança uma síntese interpretativa dos dados, embora técnicas quantitativas estejam presentes ainda em alguns estudos. Assim, estudos metanalíticos qualitativos, embora incipientes, muito têm a contribuir com as Ciências Humanas, em especial neste texto, com a área de Letras/Linguística Aplicada.

3 METANÁLISE QUALITATIVA: CONTRIBUIÇÃO PARA A ÁREA DE LETRAS

Pesquisas com abordagem qualitativa como natureza metodológica implicam, nas palavras de Denzin e Lincoln (2006), uma ênfase sobre as qualidades das

entidades e sobre os processos e os significados, ressaltando a natureza socialmente construída, o que é estudado e as limitações situacionais que influenciam a investigação. A pesquisa qualitativa enfatiza a natureza repleta de valores de investigação, busca soluções para as questões que realçam o modo como a experiência social se desenvolve e adquire significado. Por isso as Ciências Humanas, em especial a área de Letras, se apropria da pesquisa qualitativa para dar visibilidade a práticas materiais e interpretativas, no intuito de compreender melhor o assunto que está ao seu alcance.

Originada da pesquisa antropológica e sociológica, a pesquisa qualitativa é, em si mesma, um campo de investigação. É definida genericamente por Denzin e Lincoln (2006, p. 17) como:

atividade determinada que coloca o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender ou interpretar os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

Ao se particularizar a pesquisa qualitativa para a área de Letras, destaca-se o cenário interdisciplinar da Linguística Aplicada, empenhada na solução de problemas humanos que derivam dos vários usos da linguagem. Moita-Lopes (1996), a respeito dessa visão interdisciplinar, afirma que o pesquisador, partindo de um problema com o qual as pessoas se deparam ao usar a linguagem na prática social e em um contexto de ação, procura subsídios em várias disciplinas que possam iluminar teoricamente a questão em jogo, ou seja, que possam ajudar a esclarecê-la. Por causa disso, a Linguística Aplicada tem-se utilizado de diferentes métodos e privilegiado diferentes enfoques à medida que vai se estabelecendo como área científica autônoma.

Dialogando com outras áreas, diversas associações como ALAB (Associação de Linguística Aplicada do Brasil), ABRALIN (Associação Brasileira de Linguística), AILA (Associação Internacional de Linguística Aplicada), entre outras, contribuem maciçamente com pesquisas qualitativas na área de Letras. Isso implica na necessidade de proceder a sínteses críticas da investigação produzida, com vista à

construção de conhecimento atualizado que permita reequacionar caminhos futuros, no sentido da criação de pontes mais próximas. Assim, para tornar visíveis estudos qualitativos relevantes, surge o interesse na condução de metanálises com a ênfase em estudos qualitativos, embora possam ser usados métodos quantitativos nas análises.

Ao realizar uma metanálise qualitativa sobre as pesquisas em voga na área de Letras, procura-se identificar, através de determinadas categorias, semelhanças e controvérsias em uma quantidade de estudos. Trata-se, na verdade, de um processo de descrição interpretativa, orientado por determinadas categorias teóricas. Para isso “procura-se reunir todo o conteúdo disponível sobre determinada temática a fim de ajudar a compreender os fenômenos e ampliar o conhecimento” (LOPES, FRACOLLI, 2008, p. 775), favorecendo sua adoção de políticas e práticas e nas tomadas de decisões no âmbito da Linguística Aplicada.

O resultado final, portanto, é uma visão mais acurada do desenvolvimento da área analisada. Sob essa perspectiva, a condução de estudos por meio da abordagem proposta pela metanálise qualitativa pode possibilitar maior visibilidade e impacto às inúmeras pesquisas qualitativas conduzidas atualmente na área de Letras. Assim, “esforços no sentido de sintetizar estudos qualitativos são vistos como essenciais para atingir proposições analíticas mais elevadas e também ampliar a generalização da pesquisa qualitativa” (LOPES, FRACOLLI, 2008, p. 775), que cria amplas interpretações de todos os estudos examinados.

4 METANÁLISE QUALITATIVA: PROCEDIMENTOS

A metanálise qualitativa, como já mencionado, é uma integração interpretativa de resultados qualitativos que são, em si mesmos, a síntese interpretativa de dados, incluindo teoria fundamentada, bem como outras descrições, coerentes e integradas, ou explanações de determinados fenômenos, eventos ou de casos que são as marcas características da pesquisa qualitativa. Tais integrações vão além das somas das partes, uma vez que oferecem uma nova interpretação dos resultados. Essas interpretações não podem ser encontradas em nenhum relatório de investigação, mas são inferências derivadas de se tomar todos os artigos de uma amostra, como um todo.

Alguns procedimentos constituem as boas práticas e compõem a estrutura da metanálise qualitativa, devendo ser aplicados do modo mais rigoroso possível. A fim de explicar como é realizada a metodologia geral para realização da metanálise, descrever-se-ão duas abordagens: a clássica, por recuperar técnicas semelhantes ao que Glass (1976) priorizou para uma metanálise quantitativa; e a Teoria Fundamentada, por ser uma técnica constantemente utilizada em pesquisas com abordagem metanalítica qualitativa.

4.1 Abordagem clássica

Os passos para uma metanálise qualitativa clássica são determinados em duas publicações complementares, segundo Castro (2001, p. 1): Cochrane Handbook, produzido pela Colaboração Cochrane e CDR Report 4, produzido pelo Centre for Reviews and Dissemination, University of York. São sete passos a serem seguidos: (1) formulação da pergunta; (2) localização e seleção dos estudos; (3) avaliação crítica dos estudos; (4) coleta dos dados; (5) análise e apresentação dos dados; (6) interpretação dos dados e (7) aprimoramento e atualização da metanálise.

A realização de uma metanálise qualitativa deve ser iniciada com a formulação da pergunta a ser respondida, ou seja, o problema a ser pesquisado, assim como ocorre em qualquer planejamento de pesquisa. Para Castro (2001), a elaboração e o refinamento da pergunta devem passar pelo crivo de quatro indagações básicas: A pergunta é pertinente? A pergunta é realística? O assunto é amplo ou limitado? Espera-se fazer uma metanálise qualitativa apenas ou utilizar métodos quantitativos? Na primeira indagação, testa-se a capacidade da pergunta para responder situações relevantes. Na segunda verifica-se se a pergunta da pesquisa é passível de ser respondida. A resposta à terceira questão depende da quantidade de ensaios/artigos existentes na área. E na quarta pergunta verifica-se a aplicação de métodos estatísticos na análise qualitativa.

O segundo passo – localização e seleção dos estudos – diz respeito à busca do corpus a ser analisado em bases de dados como Periódicos da Capes, Portal Scielo, revistas eletrônicas, entre outros. Em vista da disponibilidade dos dados, é necessário limitar a pesquisa bibliográfica no espaço (Ex: artigos publicados

somente no Brasil) e tempo (Ex: de 2002 a 2012). Cabe sublinhar que para cada uma das fontes utilizadas deve ser detalhado o método utilizado (Ex: artigos publicados em periódicos eletrônicos qualis A).

A terceira fase da pesquisa metanalítica é definir critérios para avaliar criticamente a validade dos estudos selecionados e descartar os que não preenchem esses critérios. Para isso, é importante também explicar o porquê da exclusão. Cardoso (2007) definiu quatro critérios para esta fase: o acesso às fontes primárias, a exaustividade, a atualidade e a autenticidade do corpus.

Na coleta de dados, análise e apresentação, respectivamente etapas 4 e 5, todas as variáveis estudadas devem ser observadas nos estudos e resumidas, além das características do método, dos participantes e dos resultados, que permitirão verificar as semelhanças e as diferenças dos estudos selecionados. Nesta etapa, podem ser elencados alguns tópicos (protocolos ou categorias) de análise para melhor organizar os dados, agrupá-los e facilitar a análise propriamente dita. Como exemplo, cita-se o estudo de Cardoso (2007, p. 51-52), que elencou nove tópicos de análise, com alguns subtópicos, que se centram na caracterização, nos referenciais teóricos, nas metodologias e nos contributos e implicações (Quadro1), quando da sua pesquisa metanalítica qualitativa sobre interação verbal em aulas de línguas, em Portugal, entre os anos 1992 a 2002.

- | |
|--|
| <ol style="list-style-type: none">1. IDENTIFICAÇÃO1.1. TÍTULO1.2. AUTOR(ES)1.3. DATA1.4. ENQUADRAMENTO1.5. TIPO DE PROVA ACADÊMICA1.6. INSTITUIÇÃO DE REALIZAÇÃO1.7. ÁREA DISCIPLINAR1.8. ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA2. MOTIVAÇÕES3. OBJECTOS DE ANÁLISE4. OBJECTIVOS5. QUADROS TEÓRICOS DE REFERÊNCIA5.1. INTERACÇÃO VERBAL5.2. DIDÁCTICA DE LÍNGUAS5.3. SOCIOLINGUÍSTICA5.4. CIÊNCIAS DA LINGUAGEM6. ARTICULAÇÃO DOS QUADROS TEÓRICOS7. METODOLOGIAS7.1 METODOLOGIAS DE INVESTIGAÇÃO:7.2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:7.3. PARTICIPANTES NOS ESTUDOS:7.4. DEFINIÇÃO DOS ESTUDOS EM FUNÇÃO DOS PAPÉIS DOS INTERVENIENTES: |
|--|

8. CONTRIBUTOS PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO DIDÁCTICO EM IVAL
8.1. CONCEITOS SISTEMATIZADOS, DESENVOLVIDOS OU (RE)CONFIGURADOS
8.2. CATEGORIAS DE ANÁLISE SISTEMATIZADAS, DESENVOLVIDAS, (RE)CONFIGURADAS
8.3. DISPOSITIVOS DE ANÁLISE SISTEMATIZADOS, DESENVOLVIDOS OU (RE)CONFIGURADOS
8.4. RESULTADOS
9. IMPLICAÇÕES PARA A DIDÁCTICA PROFISSIONAL, INVESTIGATIVA E CURRICULAR
9.1. SUGESTÕES DE INTERVENÇÃO DIDÁCTICA
9.2. SUGESTÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES
9.3. SUGESTÕES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Quadro 1: Grelha de Análise (CARDOSO, 2007, p. 51-52)

Após a topicalização, parte-se para a interpretação dos dados, que busca pesquisar os pontos de convergências, avaliar os resultados, identificar os problemas não solucionados ou difíceis e sistematizar o problema de pesquisa. Assim, os dados recolhidos pelas categorias de cada estudo são gradualmente reduzidos e agrupados. Técnicas estatísticas podem ou não ser usadas nesta fase, bem como utilização de softwares específicos para análise qualitativa de dados como, por exemplo, o *Qualitative Solutions Research NVivo 2.0* (QSR)².

Por fim, a última fase – aprimoramento e atualização da metanálise – diz respeito à constante atualização do texto final toda vez que o pesquisador sofrer críticas e sugestões, que devem ser incorporadas às edições subsequentes, caracterizando, de acordo com Castro (2007), uma publicação viva.

4.2 Teoria fundamentada

A Teoria Fundamentada (TF), originada dos estudos de Glaser e Strauss em 1967, por ser um método de comparação constante, utilizado para análise sistemática de dados qualitativos, pode ser usada como uma metodologia para revisões sistemáticas. Embora não tenha sido originalmente pensada para metanálise, pois, na TF, os dados são coletados por meio de pesquisas de campo ou entrevistas, Glasser e Strauss (1967, apud CHEN; TURNER, 2001, p. 3) explicam que a escolha do corpus de pesquisa em banco de dados para a metanálise é análoga à coleta de dados originadas de pesquisas de campo ou entrevista:

² “O QSR foi desenvolvido pela Universidade de La Trobe, Melbourne, Austrália, e se fundamenta no princípio da codificação e armazenamento de textos em categorias específicas” (GUIZZO; KRZIMINSKI; OLIVEIRA, 2003, p. 54)..

Existem algumas notáveis semelhanças entre trabalho de campo e pesquisa bibliográfica. Quando o pesquisador está nas prateleiras da biblioteca, ele é, metaforicamente, rodeado de vozes implorando para ser ouvido. Cada livro, cada artigo de revista representa, pelo menos, uma pessoa que é equivalente ao informante do antropólogo ou entrevistado do sociológico (GLASSER; STRAUSS, 1967, p. 163 apud CHEN; TURNER, 2001, p. 3).

Nesse sentido, a TF é um método apropriado para a análise de múltiplas vozes originadas da literatura, isto é, análise de diversos estudos primários com diferentes perspectivas sobre o mesmo tópico. Torna-se, então, necessário discorrer com maior profundidade sobre os princípios, as características e os procedimentos de análise da TF.

A TF é uma metodologia indutiva que se aproxima do assunto a ser investigado sem uma teoria a ser testada. Usada no desenvolvimento de uma teoria fundada em dados sistematicamente coletados e analisados, a teoria evolui durante a pesquisa real e o faz devido à contínua interação entre análise e coleta de dados (STRAUSS; CORBIN, 1997). O pesquisador analisa os dados de modo a entender determinada situação e como e por que seus participantes agem de determinada maneira, como e por que determinado fenômeno ou situação se desdobra deste ou daquele jeito (GLASER; STRAUSS, 1967).

Por meio de métodos variados de coletas de dados, reúne-se um volume de informações sobre o fenômeno observado/analísado. Comparando-as, codificando-as, extraindo as regularidades, enfim, seguindo detalhados métodos de extração de sentido destas informações, o pesquisador termina, então, nas suas conclusões, com algumas teorias que emergiram dessa análise rigorosa e sistemática.

Nessa perspectiva, teoria é aquilo com que o pesquisador encerra seu trabalho e não como o principia. Não é aquilo que vai ser testado, mas o que se conclui depois de uma pesquisa e da análise comparativa dos dados dela resultantes. Assim, por ser um método geral de análise comparativa constante, a TF é citada frequentemente como método comparativo (GASQUE, 2007).

Gasque (2007, p. 107), citando Glasser e Strauss (1967, p. 7) afirma que a TF foi desenvolvida com três objetivos definidos: proporcionar uma base lógica para a teoria com a intenção de contribuir para “fechar a lacuna entre teoria e pesquisa empírica; propor padrões e procedimentos mais adequados para descoberta da

teoria; e validar a pesquisa qualitativa como método adequado e específico designado para gerar uma teoria”.

Diferentemente das teorias formais que fornecem os conceitos e hipóteses necessárias à explicação do fenômeno, na TF, o pesquisador construirá uma teoria a partir da observação específica do fenômeno ou pela análise de documentos e não pela aplicação de uma teoria preestabelecida para explicá-lo (DICK, 2005), como elucidam Strauss e Corbin (1990, p. 23):

Uma TF é aquela derivada indutivamente do estudo do fenômeno que representa. Isto é, ele é descoberto, desenvolvido e provisoriamente verificado por meio de sistemática coleta e análise de dados. Portanto, a coleta de dados, análise e teoria possuem relação recíproca entre si. Não se começa com uma teoria para prová-la. Começa-se com uma área de estudo em que se permite a emergência do que é relevante.

Uma das vantagens discutidas por Fragoso, Recuero e Amaral (2011) é o fato de a TF valorizar o contato do pesquisador com o objeto e estimular a criação de uma sensibilidade para os dados. Experimentar o campo empírico permite ao pesquisador também observar os novos elementos e construir suas percepções por meio da análise e reflexão sistemáticas dos dados encontrados em campo.

Essa valorização dos dados será possível a partir de um processo que inclui três etapas principais ocorridas simultaneamente: coleta dos dados, codificação e redação da teoria.

Muitas técnicas de coleta de dados podem ser utilizadas na TF, como a observação participante, entrevistas, discursos, cartas, biografias, autobiografias, pesquisas na biblioteca (DICK, 2005) ou, como no caso deste estudo, pesquisas primárias. O que se enfatiza nessa teoria é que coleta e análise dos dados são processos concomitantes e devem ocorrer até a saturação teórica, ou seja, até que dados novos ou relevantes não sejam mais encontrados ou que comecem a repetir. Para Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p. 92), “a análise dos dados vai auxiliando a refinar o próprio processo de coleta dos mesmos. Trata-se de um processo de retroalimentação constante entre o empírico e a análise”.

O passo seguinte compõe o processo de codificação, em que os dados são examinados cuidadosamente. Para Flick (2004), a interpretação dos dados é o centro da pesquisa qualitativa, cuja função é desenvolver a teoria, servindo de decisão sobre quais dados serão trabalhados. A codificação refere-se, então, aos

procedimentos utilizados para rotular e analisar os dados coletados e envolve comparações constantes entre fenômenos, casos e conceitos, as quais conduzem ao desenvolvimento de teorias por meio da abstração e relações entre os elementos.

Os processos de codificação são denominados de codificação aberta, axial e seletiva que devem ser entendidos, nas palavras de Gasque (2007), como formas diferentes de tratar os dados, muito mais do que etapas firmemente demarcadas, claramente distintas e temporalmente separadas.

A codificação aberta, segundo Strauss e Corbin (1990), é o processo analítico pelos quais os conceitos são identificados e desenvolvidos em relação a suas propriedades e dimensões. Esse processo envolve as atividades de quebrar, examinar, comparar, conceituar e categorizar os dados que serão sumarizados em uma linha ou códigos e categorias. “Através da codificação aberta, o pesquisador deve fazer comparações, perguntas que vão guiá-lo no campo empírico como, por exemplo: O que está acontecendo? Em quais categorias esses dados se enquadram? O que os dados expressam?” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 96).

A segunda etapa consiste na codificação axial, que aprimora e diferencia as categorias resultantes da codificação aberta. O pesquisador, dessa forma, seleciona as categorias mais relevantes e as coloca como fenômeno central para estabelecer relações entre as categorias e subcategorias. Os dados, portanto, são agrupados através das conexões entre as categorias.

Durante o processo de codificação, o pesquisador pode alterar entre codificação aberta e axial, pois as categorias devem ser constantemente verificadas pelos dados que as compõem e que podem ser reorganizadas.

Na terceira e última etapa, a codificação seletiva ou redação da teoria tem por objetivo integrar e refinar categorias em um nível mais abstrato. A tarefa é elaborar a categoria essencial, em torno da qual as outras categorias desenvolvidas passam ser agrupadas e pelas quais são integradas (GASQUE, 2007).

Para Yunes e Szymanski (2005), é um nível mais abstrato de análise do que a codificação axial. Strauss e Corbin (1990 *apud* YUNES; SZYMANSKI, 2005, p. 6) denominam essa etapa de “elaboração da história”, que consiste numa narrativa descritiva sobre o fenômeno central do estudo, o que se torna bastante difícil, pois requer habilidade de fazer diversos recortes e selecionar o que realmente importa no

desenvolvimento do modelo teórico representativo do fenômeno pesquisado. Descobrir a categoria central, definida por Strauss e Corbin (1990) como o fenômeno central, ao redor do qual todas as outras categorias se integram, significa sintetizar toda a história construída a partir dos dados obtidos e ser capaz de explicar diferenças e semelhanças encontradas nas experiências.

5 CONSIDERAÇÕES

Metanálise qualitativa configura-se como uma oportunidade para acumular o conhecimento gerado em pesquisas qualitativas de uma determinada área do conhecimento. Tal contribuição auxilia para a divulgação sistematizada da ciência, uma vez que combinar análise e interpretação de um fenômeno permite delimitar caminhos e abrir outros ainda não percorridos. Nesse sentido, em pesquisas realizadas na área de Letras, essa abordagem metodológica muito pode contribuir para organizar a investigação científica atual e/ou de um determinado problema, bem como enfatizar pontos a serem esclarecidos, aprofundados ou modificados.

Neste texto, buscou-se recuperar historicamente a trajetória dos estudos sobre metanálise, já que essa metodologia primordialmente baseou-se em estudos quantitativos, com ênfase em técnicas estatísticas para síntese dos dados. Essas pesquisas quantitativas ainda estão muito em voga em áreas médica e agrícola; o que se espera, portanto, é trazer a contribuição delas para estudos qualitativos em Ciências Humanas em geral e, em especial, para a área de Letras. Além disso, enfatizaram-se neste texto dois procedimentos metodológicos para condução da análise metanalítica: abordagem clássica, que recupera preceitos e passos da metanálise quantitativa, embora priorize métodos qualitativos; e Teoria Fundamentada, por ser uma metodologia utilizada em estudos de revisão sistemática qualitativa já que busca a sistematização dos dados e interpretação de um fenômeno específico.

Dar visibilidade à produção científica qualitativa é um dos grandes objetivos da metanálise qualitativa, pois se constitui como uma ferramenta de ampliação do conhecimento relativo a um tema. Este, então, deve ser o próximo passo para os interessados na área: aplicar os procedimentos metanalíticos qualitativos em pesquisas atuais de Linguística Aplicada.

CÂNDIDA MARTINS PINTO

Graduada em Letras - Licenciatura Plena Inglês/Português pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Mestre em Estudos Linguísticos pela mesma instituição. Atualmente é Doutoranda em Letras pela UCPEL. Professora efetiva do Instituto Federal Farroupilha - Campus São Vicente do Sul.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, T. M. L. Interação verbal em aulas de línguas: meta-análise da investigação portuguesa entre 1982 a 2002. **Tese**. Universidade de Aveiro. Portugal. 2007.

CASTRO, A. A. **Revisão sistemática e meta-análise**. 2001. Disponível em: <http://metodologia.org/wp-content/uploads/2010/08/meta1.PDF>; acesso em 23 de junho de 2012.

CASTRO, A.A.; SACONATO, H.; GUIDUGLI, F; CLARK, OAC. **Curso de revisão sistemática e metanálise** [Online]. São Paulo: LED-DIS/UNIFESP; 2002. Disponível em: URL: <http://www.virtual.epm.br/cursos/metanalise>; acesso em 23 de junho de 2012.

CHEN, T.; TURNER, S. 2001 **A Qualitative meta-analysis on web-based distance learning in higher education**: a grounded theory approach. Disponível em: <http://faculty.ksu.edu.sa/manal.m/DocLib2/Qualitative%20Meta%20Analysis%20on%20Web%20Based%20Distance%20Learning%20in%20Higher%20Education.pdf>; acesso em 23 de junho de 2012.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DICK, B. **Grounded Theory**: a thumbnail sketch. 2005. Disponível em: <http://www.scu.edu.au/schools/gcm/ar/arp/grounded.html>; acesso em 20 de fevereiro de 2012.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GARQUE, K. C. G. D. Teoria Fundamentada: nova perspectiva à pesquisa exploratória. In: MUELLER, S. P. M. (org.) **Métodos para a pesquisa em Ciências da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007, p. 107-142.

GLASER, B. G.; STRAUSS, A. L. **The Discovery of Grounded Theory**: Strategies for Qualitative Research. New York: Aldine de Gruyter, 1967.

GLASS, G. **Primary, secondary and meta-analysis of research**. The Educational Researcher. 1976, p. 3-8.

GUIZZO, B. S.; KRZIMINSKI, C. O.; OLIVEIRA, D. L. L. C. **O software QSR NVIVO 2.0 na análise qualitativa de dados**: ferramenta para a pesquisa em ciências humanas e da saúde. Revista Gaúcha de Enfermagem, Porto Alegre, 2003, p. 53-60.

HUNT, M. **How science takes stock**: the story of meta-analysis. USA: Russell Sage Foundation, 1997.

KUHN, T. S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

LOPES, A. L. M.; FRACOLLI, L. A. Revisão sistemática de literatura e metassíntese qualitativa: considerações sobre sua aplicação na pesquisa em enfermagem. **Texto, Contexto, Enfermagem**. Florianópolis, 2008, out-dez, p. 771-778.

LOVATTO, p. a.; et al. Meta-análise em pesquisas científicas – enfoque em metodologias. **Revista Brasileira de Zootecnia**. 2007. V. 36; P. 285-294.

MOITA-LOPES, L. P. (org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

STRAUSS, A. L.; CORBIN, J. **Basics of Qualitative Research**: Grounded Theory, Procedures and Techniques. Newbury: SAGE, 1990.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Metodologia da Teoria Fundamentada**. 1997. Traduzido por Frederico José Andries Lopes. Disponível em: STRAUSS, A.; CORBIN, J. Metodologia da Teoria Fundamentada; acesso em 28 de outubro de 2011.

TAROZZI, M. **O que é grounded theory?** Metodologia de pesquisa e de teoria fundamentada nos dados. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H. Entrevista reflexiva & Grounded Theory: estratégias metodológicas para compreensão da resiliência em famílias. **Revista Internacional de Psicologia**. 2005. n. 3; p. 1-8.

ZIMMER, L. **Qualitative meta-synthesis**: a question of dialoguing with texts. J. Adv. Nurs. 2004. Fev; p. 311-318.